

## Calote de R\$ 3 bilhões desafia bancos

David Friedlander

### *Instituições falam em tirar acionistas do Frigorífico Independência*

A disputa em torno da maior dívida empresarial em negociação no Brasil, o calote de R\$ 3 bilhões do Frigorífico Independência, entrou numa zona de perigo. Os principais credores discutem pedir à Justiça uma intervenção no grupo, em recuperação judicial desde maio. A intenção é afastar os acionistas e assumir no lugar deles. Querem, também, passar um pente-fino nas contas da empresa. Isso vem sendo conversado por executivos de sete instituições, entre elas JP Morgan, Citigroup, Santander e Votorantim.

Para seguir adiante, precisam que o Independência entregue seu plano de recuperação à Justiça. A empresa tem até o dia 13 para isso.

A estratégia está contada num relatório interno de um dos principais credores, ao qual o Estado teve acesso. Segundo o documento, uma primeira versão do plano de recuperação foi apresentada a um grupo de bancos, informalmente, no dia 4 de junho. A proposta era a seguinte: para receber de volta tudo que emprestaram, os credores precisam fazer um novo empréstimo com valor igual ao que cobram hoje. Se aceitarem, recebem tudo até 2018. Quem não quiser colocar mais dinheiro no Independência terá de engolir um deságio de 62% na dívida.

"A proposta é inaceitável, não dá nem para começar a conversa", afirma o vice-presidente de um dos bancos. O diretor de outra instituição credora é mais duro. "A tendência é criar um comitê de credores, recusar a proposta e partir para uma ação jurídica mais forte. Depois de um calote desses, não dá para deixar os acionistas lá." O plano foi apresentado a representantes do JP Morgan, Citigroup, Santander, Bradesco, Itaú, Votorantim e até do finado Lehman Brothers - aquele que, ao quebrar, no ano passado, detonou a crise financeira global.

Do lado do Independência, a visão é outra. "A ideia foi criar um incentivo econômico para que os credores aportem um novo financiamento na empresa", afirma Gabriel Andrade, da Arsenal, assessoria financeira contratada pelo frigorífico. "O dinheiro é necessário para voltar a operar. Ainda vamos modificar nossa proposta, mas, infelizmente, não tem outro jeito de fazer uma reestruturação." O Independência fechou várias unidades, demitiu 7 mil funcionários e hoje opera com 10% de sua capacidade.

Um dos maiores produtores de carne processada do País, com faturamento de R\$ 2 bilhões antes da crise, tendo como sócio o Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES), o Independência tinha acesso privilegiado a grandes bancos e investidores globais. Fora do País, era apresentado como um símbolo do agronegócio brasileiro. O encanto se quebrou em fevereiro, na sexta-feira pré-carnaval, quando a empresa deixou de pagar financiamentos e pediu recuperação judicial. Para vários banqueiros, essa história não foi bem explicada até hoje.

Eles criaram um grupo informal, liderado por JP Morgan, Citi e Santander, para trocar informações. O grupo quer contratar a FTI Consulting, um escritório americano especializado em investigação financeira, para passar um pente-fino nas contas do Independência. A FTI trabalharia para os bancos, mas eles queriam que o frigorífico pagasse a conta. A proposta foi recusada. Oficialmente, os bancos não se manifestam sobre o assunto.

"É possível contratar empresas tão boas quanto essa pela metade do preço", afirma Luiz Fernando Paiva, sócio do Pinheiro Neto, escritório de advocacia que defende o frigorífico. Além do Pinheiro Neto, o Independência contratou outras empresas de primeira linha para assessorá-lo, como a Arsenal e a consultoria KPMG. Mas a intenção dos credores, ao chamar a FTI, era ter alguém escolhido por eles mergulhado nas contas.

Os banqueiros afirmam ter tomado um susto com a repentina derrocada do Independência. Ao longo do ano passado, o frigorífico captou uma fortuna na praça: US\$ 300 milhões em

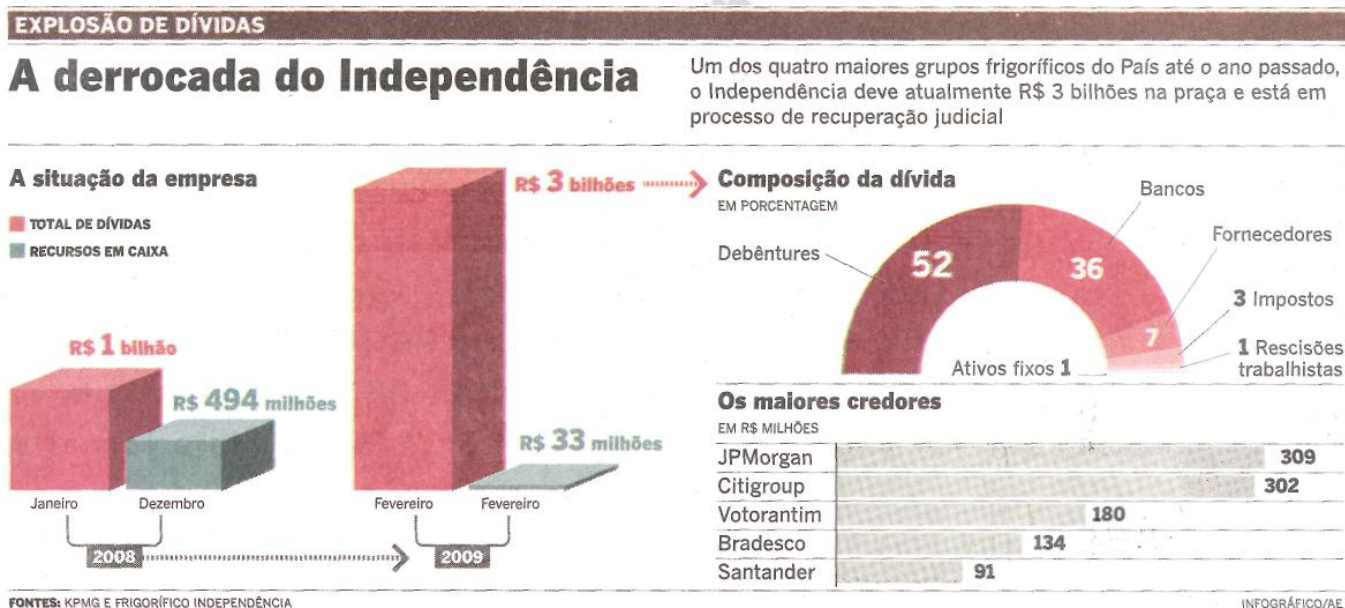
debêntures em maio e um aporte de R\$ 250 milhões do BNDES em novembro. Pouco antes do calote, o Independência recebeu um empréstimo de US\$ 110 milhões do Santander e do Citi. O dinheiro seria usado na recompra de parte da dívida externa da empresa, naquele momento negociada com desconto, em razão da crise.

Ao saber do pedido de recuperação judicial, em pleno carnaval, os presidentes do Santander, Fábio Barbosa, e do Citi, Gustavo Marin, interromperam o feriado e organizaram uma teleconferência com o presidente do Independência, Roberto Russo, e com Tobias Bremer, o diretor financeiro. Já que a operação de recompra estava cancelada, queriam o dinheiro de volta. "O dinheiro era carimbado e em nenhum momento houve discussão entre os bancos e a empresa", afirma Bremer. "Mas eles ficaram assustados." Os recursos foram devolvidos.

De qualquer forma, os credores do Independência dizem não entender como a empresa ficou sem dinheiro de uma hora para outra. Segundo eles, o caixa foi totalmente consumido nos três meses que antecederam o pedido de recuperação.

"Os US\$ 300 milhões não contam porque é dinheiro de longo prazo captado para liquidar uma outra dívida, de curto prazo", afirma Bremer. "O resto do caixa foi consumido por quatro fatores, causados pela crise econômica: pagamento de dívidas de curto prazo que não foram renovadas, perdas com derivativos, perdas operacionais muito fortes e inadimplência de clientes externos."

O Independência e seus assessores afirmam que estão fazendo um esforço tremendo para se entender com os credores, agindo com transparência e em sintonia com eles. "Ninguém espera que eles não fiquem ressentidos com a situação, numa situação como essa é compreensível", afirma Andrade, da Arsenal. Quem parece não compreender são os credores.



Fonte: O Estado de S.Paulo, São Paulo, 5 jul. 2009, Economia & Negócios, p. B9.